

Educação «marginaliza» problemática do racismo



Marta Araújo quer ver problemática do racismo na agenda dos assuntos de discussão nacionais

Jorge Oliveira

A investigadora do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Marta Araújo considera que a problemática do racismo tem vindo a ser marginalizada na Educação.

A constatação baseia-se num estudo realizado em dois estabelecimentos de ensino no Norte do país, onde a docente analisou atitudes e comportamentos face às minorias daquelas comunidades escolares.

Recorrendo a esses dados, Marta Araújo demonstrou ontem, numa conferência, em Braga, como o racismo faz parte do quotidiano das crianças em Portugal e tem sido marginalizado nas escolas.

«No nosso país tem-se dado muito mais importância a questões ligadas ao multiculturalismo, à interculturalidade e até à questão da cidadania do que ao problema das desigualdades raciais», disse.

A investigadora, que esteve no Instituto de Estudos

da Criança da Universidade do Minho a falar sobre “A marginalização do (anti)racismo em Educação”, salientou que o racismo em contexto escolar manifesta-se de várias formas: no tratamento entre alunos, desvalorizando a história de África, desvalorizando os portugueses oriundos das ex-colónias e mesmo na forma, bem intencionada, como os professores, às vezes, tratam os alunos de raça negra.

«As boas intenções dos professores revelam, por vezes, desconhecimento da realidade do aluno. Este pode provir de um meio económico muito elevado, mas há sempre aquela ideia de que quem vem de África é pobrezinho, não tem história, é menos desenvolvido», assinalou.

Defendendo a introdução da problemática do racismo em contexto escolar na agenda dos assuntos de discussão dos países, Marta Araújo pretende com este trabalho alertar os agentes educativos e a sociedade em geral para as consequências dos seus comportamentos,

evidenciando que a discriminação racial não tem que ver com o local onde vivem as pessoas negras, mas sim com a forma como somos educados e nos relacionamos em sociedade.

«O racismo não existe só nos grandes centros urbanos nem é um fenómeno sempre ligado à pobreza. Uma das escolas que estudei é frequentada por alunos da elite angolana e moçambicana e mesmo nesse contexto escolar existe discriminação racial», afirmou, revelando que há directores de escolas e professores pouco sensibilizados para o problema do tratamento diferenciado das crianças de raça negra por parte dos colegas de pele branca.

Inserida no Ciclo de Conferências em Sociologia da Infância 2006/2007, a conferência foi organizada pelo Instituto de Estudos da Criança (IEC) com a colaboração com o Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

O IEC pretende com este ciclo prosseguir a tradição da apresentação, partilha e

discussão de questões teóricas e metodológicas relativas à investigação na área da Sociologia da Infância.

O ciclo prossegue no dia 25 de Janeiro de 2007 com uma conferência intitulada “Etnographic encounters with children”, por Pia Haudrup Christensen, da University of Warwick, Reino Unido.

No dia 8 de Fevereiro é abordado o tema “Infâncias e políticas de família”, por Karin Wall, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

“Trabalho infanto-juvenil doméstico” é o título da conferência do dia 22 de Março, a proferir por Ethel Kosminsky, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil.

Natalie Rouscouc, da Universidade Paris 14, França, desloca-se ao IEC no dia 26 de Abril para falar sobre infância e tempos livres.

O ciclo de conferências termina a 3 de Maio com uma comunicação de Ferran-Casas Aznar, da Universidade de Girona, Espanha, sobre os direitos das crianças.